



MASCULINIDADES E RELIGIÃO: UM OLHAR TEOLÓGICO

Ezequiel de Souza¹

Introdução

A comunicação elenca algumas das principais abordagens que a teologia tem efetuado para o estudo das masculinidades. Dentre os principais temas, podem ser enumeradas as dimensões da corporeidade, do poder e da espiritualidade como as mais recorrentes. Compreende-se que as masculinidades são construções históricas e, portanto, existe a possibilidade de uma reflexão crítica acerca de suas experiências concretas. O resgate da corporeidade procura superar a tradicional dicotomia corpo *vs.* mente, presente na tradição teológica desde Agostinho. A análise da dimensão do poder, por sua vez, demonstra como a religião, em geral, e a teologia, em particular, contribui para a perpetuação de um modelo tradicional de masculinidade, relegando modelos alternativos ao segundo plano. Por fim, a espiritualidade é a tentativa de integração da dimensão do cuidado, a fim de restabelecer a integralidade nos processos de construção das masculinidades.

Masculinidade e corporeidade

De acordo com Renate Gierus, os corpos possuem uma linguagem específica que, como outras fontes, precisa ser interpretada. Os corpos são esculpidos a partir de suas experiências.² Não é uma tarefa fácil entender a linguagem do corpo, linguagem ambígua e permeada por relações de poder.

Também a experiência masculina é uma experiência corpórea. “Somos corpo”, afirma Daniel Sánchez Pereira.³ Não é possível falar em experiência masculina fora do corpo. A força desta afirmação é dada pelo contexto da dualidade entre corpo e alma. Por muito tempo, grupos cristãos sustentaram a dicotomia entre corpo e alma, atribuindo a esta as propriedades mais elevadas

¹ Doutorando em Teologia na Escola Superior de Teologia. ezequiel_souza@yahoo.com.br

² GIERUS, Renate. CorpOralidade: História Oral e copo. In: In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004, p. 44.

³ SÁNCHEZ PEREIRA, Daniel. Além dos limites impostos pela cultura e pelos preconceitos: pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo na perspectiva das masculinidades. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005, p. 37.



e compreendendo aquele como o *locus* do pecado,⁴ um instrumento a ser utilizado pela mente.⁵ Segundo o teólogo Jürgen Moltmann, essa dicotomia não possui base bíblica, tendo sido desenvolvida no gnosticismo cristão e aprofundada pela antropologia de Agostinho.⁶ Para Ernst Käsemann, ‘carne’ denota a condição de criatura do ser humano, não constituindo um sinônimo para ‘corpo’. No sentido atribuído pelo apóstolo Paulo, ‘carne’ representa tudo aquilo que é efêmero, passageiro.⁷

Homens e mulheres aprendem a desempenhar papéis sociais desde tenra idade. O aprendizado da masculinidade comporta uma dupla violência que, com o tempo, constitui marcas diacríticas inscritas nos corpos masculinos: a violência contra si e a violência contra a alteridade. A corporeidade masculina tradicional tem sido vinculada à sexualidade, gerando uma limitação das potencialidades do próprio corpo.⁸ Através da reprodução do *ethos* masculino, a corporeidade continua mantendo uma vinculação estreita com a sexualidade, entendida como ato de atualização da masculinidade porque a dominação se manifesta inclusive na divisão do trabalho sexual. A partir da oposição alto vs. baixo, a posição sexual considerada ‘natural’ é aquela em que o homem se encontra por cima da mulher.

Socialmente diferenciadas, a sexualidade feminina tem sido orientada para a intimidade, enquanto a sexualidade masculina tem sido compartimentada e orientada para a penetração,⁹ em uma atitude falocêntrica. O pênis não é apenas uma parte do corpo masculino: ele deve receber um nome próprio que o diferencie dos demais, pois simboliza a masculinidade em si. Penetrando, prova-se para si que não se é uma mulher ou um homossexual.

O uso legítimo do corpo masculino exige dos homens que assumam a posição ativa na relação sexual. Em última análise, o que importa é o ato da penetração, sendo relativizado o parceiro. Quando um homem é penetrado por outro, ele é estigmatizado por usar seu corpo de forma

⁴ IRARRÁZAVAL, Diego. Corporeidade masculina. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 137.

⁵ IRARRÁZAVAL, 2005, p. 140.

⁶ O apóstolo Paulo utilizava o conceito em três diferentes acepções: com ‘carne’, fazia referência ao mundo criado; com ‘na carne’, fazia referência à condição transitória do mundo; e com ‘segundo a carne’, fazia referência ao tempo desse mundo. MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 90-91.

⁷ KÄSEMANN, Ernst. A antropologia paulina. In: KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003. p. 48.

⁸ MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 85.

⁹ SOUZA, Ezequiel de. O papel da teologia na superação da dominação masculina. In: SCHAPER, Valério G.; OLIVEIRA, Kathlen L.; REBLIN, Iuri A. (Orgs.). *A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: OIKOS, 2008. p. 274.



desonrosa. Ao fazer isso, abdicou de todo o capital de masculinidade de que dispunha.¹⁰ Se recordarmos o caráter nobiliárquico da masculinidade, poderemos inferir que em uma visão tradicional o homem que sofre a penetração macula sua identidade de uma forma permanente. Por outro lado, quando um homem penetra outro, seu capital de masculinidade não é diminuído, ele não é considerado um homossexual.¹¹ A expectativa social é que o homem seja ativo na relação sexual e o fato de diminuir a masculinidade de outro acarreta, pelo menos para seu ego, uma satisfação.

Adilson Schultz chama a atenção para um detalhe pouco explorado nas análises da relação existente entre masculinidade e corporeidade: os homens conhecem e falam pouco sobre o próprio corpo. Quando falam de corporeidade, evocam corpos alheios.¹² Não deixa de ser surpreendente, uma vez que boa parte das conversas entre homens gira ao redor da sexualidade. No entanto, as conversas masculinas em ambientes de sociabilidade são construídas sobre temáticas que, simultaneamente, envolvam sem comprometer. Seria desinteressante discutir algo que pusesse em xeque o capital de masculinidade.

A Bíblia nos oferece várias narrativas que podem problematizar a experiência masculina com o corpo. Com a aplicação de hermenêuticas de cunho não-fundamentalistas, há a possibilidade de interpretações plausíveis para a construção de novos modelos de masculinidade. A empreitada é legítima, tendo em vista que alguns modelos foram sancionados pela mensagem bíblica. Na narrativa de Gn 38, André Musskopf e Yoimel González Hernández identificam a presença de modelos alternativos de masculinidade, definíveis a partir da corporeidade. Há uma expectativa que paira sobre os homens em sociedades patriarcais: a aptidão para gerar descendentes, de preferência filhos homens. Diante da morte de Er, o primogênito de Judá, antes de ter gerado um filho, cabe a seu irmão a obrigação de dar continuidade ao nome do falecido, de acordo com a lei do levirato. Onã se recusa a desempenhar o papel masculino que lhe é imputado. Sua desobediência custa-lhe a vida.

A narrativa de Gn 38 apresenta claramente a disputa de modelos alternativos de masculinidade, tendo como desfecho a defesa da masculinidade de Judá.¹³ Enquanto isto, os corpos dos filhos de Judá são estigmatizados como fracos e incapazes de cumprir as exigências patriarcais.

¹⁰ TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, n. 24, jan./jun. 2005, p. 143.

¹¹ TORRÃO FILHO, 2005, p. 2005.

¹² SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004. p. 172.

¹³ MUSSKOPF, André S.; GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Yoimel. Homens e ratos! Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos construídos nos corpos de homens em Gênesis 38. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005. p. 63.



O aprendizado da masculinidade se dá de forma explícita e implícita nesta narrativa: ser homem é ser viril, apesar da idade avançada; quem não possui a virilidade, ainda que jovem, não merece ser chamado de homem. A morte de Er e Onã simboliza a morte social, o não-reconhecimento da masculinidade àqueles homens cujos corpos não cumprirem as exigências sociais.

Os corpos masculinos são treinados para não sentir dor, ou melhor, para não demonstrar a dor que deveras sentem. Não é possível continuarmos pensando que os homens são seres insensíveis. O isolamento e a solidão a que são submetidos forma sua identidade e molda seus corpos para que sofram calados. O desafio que se apresenta é a valorização da corporeidade masculina sem a necessidade de manter a dicotomia corpo *vs.* espírito, sexo *vs.* amor.¹⁴

Masculinidade e poder

Há algum tempo a teologia tem problematizado a relação existente entre masculinidade e poder. Sob a forma do androcentrismo, os homens criaram e reproduziram espaços de poder que excluem as mulheres e os homens que não se encaixam nas expectativas que sobre eles pairam. Trata-se de um poder excludente e dominador, um poder que reduz os outros à condição de servidores. Rosemary Ruether identifica na proposta de Jesus uma subversão na compreensão do exercício do poder: o serviço aos outros é superior ao domínio sobre os outros.¹⁵ O serviço aos outros cria solidariedade e expressa uma dimensão do cuidado para com aquelas pessoas que estão em situação de fragilidade.

Na experiência masculina, o poder tem sido interpretado como dominação sobre os demais. Para adquirir poder, qualquer subterfúgio é válido, pois “os fins justificam os meios”, para lembrar a máxima maquiavélica. Elaine Neuenfeldt e Edmilson Schinelo demonstram como estratégias sexuais foram utilizadas por Davi para chegar ao trono de Israel. A narrativa da ascensão de Davi apresenta-o como um jovem homem que serve de modelo aos demais. No entanto, Davi parece ser alguém que busca o poder a qualquer custo: nada é mais importante do que conquistar e manter o poder. Amigos e mulheres só têm utilidade se servirem de degrau para o sucesso almejado.¹⁶ Davi alia estratégias sexistas e bélicas para conseguir o que quer, agindo sem escrúpulos.

¹⁴ IRARRÁZAVAL, Diego. Justicia de género e identidad masculina. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003. p. 220.

¹⁵ RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 32.

¹⁶ NEUENFELDT, Elaine; SCHINELO, Edmilson. As relações de gênero na casa de Davi. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, 2005, p. 17.



A tradição bíblica traz contra-exemplos do poder patriarcal, nos quais as relações entre homens e mulheres não constituem relações de dominação, mas relações de partilha.¹⁷ O texto apresenta uma oposição entre os lugares da liberdade do casal e a casa patriarcal. Na casa patriarcal, os corpos femininos são considerados propriedade e devem ser vigiados por homens para manter sua pureza. No entanto, mesmo no lugar patriarcal por excelência há movimentos de contestação da ordem estabelecida.¹⁸ Identifica-se claramente a existência de lugares de resistência, lugares onde a experiência do poder não leva à dominação. Os homens abdicam da busca do poder e descobrem o prazer da partilha – sexual ou não – em relações simétricas de mútuo reconhecimento.

Infelizmente, poucos homens descobriram o prazer advindo da partilha. No âmbito religioso, até o monoteísmo tem expressado o poder masculino, pois a imagem de Deus representa o homem e, desta forma, cria e sacraliza uma hierarquia: Deus → homem → mulher. “As mulheres já não estão em relação direta com Deus; ligam-se a ele secundariamente, através do homem”.¹⁹ Por esse motivo, muitas igrejas não aceitam o ministério feminino: o encontro com a divindade é uma prerrogativa masculina, pois Deus é entendido como o Todo-Poderoso e só pode se relacionar com os homens, os detentores do poder patriarcal. Paradoxalmente, Yahweh é um Deus próximo, evocado com a intimidade do *Abba*. Tal proximidade da divindade coloca em xeque as regras rígidas erigidas para proteger o sagrado de qualquer tipo de profanação.²⁰

A atuação de mulheres nas igrejas questionava a dominação masculina, mas enquanto a igreja era uma pequena seita, inexpressiva politicamente, isso não constituía problema. Quando a igreja obteve reconhecimento por parte do governo romano, a sede de poder levou a uma reinterpretação da figura de Jesus Cristo.²¹ Há a masculinização da divindade e a interpretação da figura de Jesus Cristo como o mediador entre Deus e os seres humanos devido ao fato de representar, a um só tempo, a divindade e as criaturas.²²

A valorização do sexo biológico de Jesus constitui um dispositivo ideológico que sustenta as pretensões de acesso exclusivo ao poder religioso e social por parte dos homens. Está em contradição com a *kenosis* efetuada por Cristo, descrita por Paulo na Carta aos Filipenses: ele se esvaziou de sua condição de divindade para assumir um corpo como o nosso, a fim de sentir o que sentimos e sofrer o que sofremos. Se ele se esvaziou de sua condição divina para assumir a

¹⁷ GUTIÉRREZ MAIRENA, Agenor. No jardim dos encontros: os textos bíblicos e a construção das relações de poder. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007, p. 65.

¹⁸ GUTIÉRREZ MAIRENA, 2007, p. 66.

¹⁹ RUETHER, 1993, p. 51.

²⁰ RUETHER, 1993, p. 60.

²¹ RUETHER, 1993, p. 108.

²² RUETHER, 1993, p. 109.



humanidade, certamente não teria problema algum em se esvaziar de sua masculinidade para, dessa forma, proporcionar a solidariedade entre homens e mulheres.²³

A mensagem cristã exige uma tomada de posição. Diante da constatação da relação que existe entre a experiência masculina e o poder, entendido como dominação sobre homens e mulheres, algo precisa ser feito. Como primeiro passo, a recusa a colocar-se em situações de assimetria de poder pode ser proveitosa. Em segundo lugar, é necessário colocar-se ao lado daquelas pessoas que lutam para que haja maior equidade entre os gêneros, lutando para que homens e mulheres tenham condições iguais. Homens e mulheres precisam relacionar-se como dignos de respeito, pois ambos são *imago Dei*.

Masculinidade e espiritualidade

Uma abordagem sobre masculinidade que se limite à mera constatação pode levar ao fatalismo. A experiência masculina é muito rica, devendo ser valorizada e criticada simultaneamente, preservando sua beleza, que não pode ser esquecida. Por outro lado, assumindo a experiência masculina como ponto de partida, a teologia renuncia aos discursos universais, falando de particularidades de pessoas de carne e osso e de suas relações com outras pessoas e com Deus. A masculinidade do discurso teológico sempre foi mascarada pela pretensão de universalidade. Como resultado, a teologia adquiriu um caráter racional, olvidando as experiências e as sensibilidades especificamente masculinas.

A partir de uma compreensão bíblica, a experiência masculina encontra-se na espiritualidade. Não naquele tipo de espiritualidade dualista que despreza a corporeidade, mas em uma espiritualidade corpórea, encarnada na vivência e nas experiências cotidianas. A espiritualidade expressa o encontro do ser humano com a divindade. Por esse motivo, ela é uma experiência plural. Um mesmo indivíduo pode ter várias experiências espirituais ao longo de sua vida. Luiz Dietrich identifica três expressões do encontro masculino com a divindade no livro de Jó: resignação,²⁴ revolta²⁵ e reconhecimento da irmandade criatural do ser humano com toda a natureza.²⁶

Muito esforço teológico tem sido empregado para valorizar novamente a corporeidade, superando o dualismo entre corpo e alma. O objetivo é a constituição de uma espiritualidade que

²³ RUETHER, 1993, p. 117.

²⁴ DIETRICH, Luiz J. Masculinidades em Jó. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, 2005, p. 44.

²⁵ DIETRICH, 2005, p. 47.

²⁶ DIETRICH, 2005, p. 49.



valoriza e o corpo e sua materialidade, superando uma visão instrumentalista e pragmática que reduz o corpo à condição de ferramenta de trabalho e de prazer. Em concordância com esta valorização da corporeidade, Jürgen Moltmann entende que a espiritualidade contemporânea precisa estar voltada para *libertar o corpo*.²⁷ Tal espiritualidade tem como consequência a libertação dos homens para a vivência responsável de sua corporeidade e sexualidade, expressões da criação divina. Não há mais espaço para uma caracterização da espiritualidade masculina que privilegie *apenas* os elementos ligados à razão. Faz-se necessária uma espiritualidade integral.

Reconhecendo sua especificidade, Hugo Cáceres Guinet faz uma tentativa de caracterizar a espiritualidade masculina em três movimentos distintos: (A) movimento ascendente, em busca de *status* e poder, onde não há lugar para a amizade, para o amor ou para a partilha; (B) movimento de reconhecimento da alteridade e da solidariedade, com a recusa à utilização do poder em favor próprio; (C) movimento de renúncia ao poder e à dominação.²⁸ O autor identifica esses três movimentos na história de Jacó.

O patriarca possuía uma vida orientada para conquistas econômicas, espirituais e amorosas, valendo-se de trapaças (A). Com o nascimento de José, filho de Raquel, o patriarca chegou à plenitude de suas conquistas, entendendo que não precisava mais lutar com outros homens (B). A partir da reconciliação com seu irmão, Jacó pode deixar o poder para os mais jovens (C). A cada um desses movimentos corresponde uma imagem de Deus, iniciando com o Deus ‘forte’, um Deus ‘terror’.²⁹ O ponto de ruptura na trajetória de Jacó foi ocasionado pela paternidade. A experiência de cuidar de outro ser transformou o patriarca. Nas sociedades patriarcais, a paternidade representa uma ruptura na biografia masculina. Além de gerar o filho, é necessário proporcionar os meios para sua subsistência. Dessa forma, a sensibilidade de Jacó foi aguçada com o nascimento de José, tornando possível a emergência da imagem do Deus Pai.

Marcelo Veloso denuncia a masculinização do divino a partir das figuras de Jesus, do Espírito Santo e do Deus Pai. Dessa constatação, o autor infere uma identificação entre a masculinidade e a divindade, passando pela confecção dos textos canônicos.³⁰ Certamente não é possível negar esta constatação. Em lugar de abandonar a metáfora paterna, precisamos reinterpretá-la, pois nomear Deus como pai resgata a igualdade entre os seres humanos, eliminando critérios

²⁷ MOLTSMANN, 1998, p. 98.

²⁸ CÁCERES GUINET, Hugo. Alguns elementos da espiritualidade masculina vistos através da narração bíblica de Jacó. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007, p. 22-25.

²⁹ CÁCERES GUINET, 2007, p. 34.

³⁰ VELOSO, Marcelo Augusto. Uma abordagem de gênero a partir da religião: gênero masculino e cristianismo. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 74.



excludentes.³¹ Francisco Reyes Archila demonstra que a condenação de Jesus à morte deveu-se por chamar Deus de pai.³² Quando Jesus se refere a Deus como “meu pai”, tem em mente um Deus bondoso e justo, um Deus que perdoa os pecados³³ e conhece as necessidades de seus filhos e filhas.³⁴ Da relação com um Deus entendido como pai, surge uma espiritualidade integral, pois é uma relação de proximidade e presença que toca o ser humano de forma profunda.

Quando falamos em espiritualidade integral, queremos dizer que a espiritualidade é um encontro com a divindade e, nesse encontro, o ser humano é tocado por inteiro. A *ruah Yahweh* revela a divindade, tanto em sua atividade criadora quanto em sua presença doadora de vida.³⁵ O encontro com Deus abre novas possibilidades para o futuro, não havendo mais a necessidade de justificar e preservar o presente.³⁶ Ao resgatar a espiritualidade masculina, transformações seguirão e, dessa forma, os privilégios advindos de uma situação de dominação serão superados. Para isso, o primeiro passo é dizer não à reprodução de um *ethos* que defende a dominação masculina. Somente em seguida será possível criar alternativas viáveis.³⁷

O caráter escatológico da mensagem cristã abre novas possibilidades, pois o elemento mais importante da mensagem escatológica é sua abertura à novidade presente na promessa.³⁸ Por muito tempo, o caráter escatológico da mensagem cristã foi entendido como o chamado para o afastamento dos prazeres da carne e do mundo, incentivando uma espiritualidade ascética, um espírito sectário e a desvalorização do corpo. A fim de glorificar o corpo, a espiritualidade masculina precisa orientar-se em direção das pessoas oprimidas socialmente. Ao fazer isto, há a penitência pela cumplicidade na dominação masculina e, ao mesmo tempo, a militância para a transformação das relações assimétricas entre os gêneros. O espírito de Deus conduz o ser humano ao encontro de outros seres humanos, pois a vida cotidiana é seu alvo. O encontro com a divindade proporcionaria o aniquilamento da alma humana.

De acordo com Jürgen Moltmann, Agostinho estabeleceu a base da teologia ocidental a partir de dois conceitos antagônicos: *hybris* e *tristitia*. A *hybris* consiste na auto-exaltação e a

³¹ REYES ARCHILA, Francisco. “Meu pai e pai de vocês, meu Deus e Deus de vocês”: a imagem de Deus pai nos evangelhos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007, p. 95.

³² REYES ARCHILA, 2007, p. 97-98.

³³ REYES ARCHILA, 2007, p. 100.

³⁴ REYES ARCHILA, 2007, p. 101.

³⁵ MOLTSMANN, 1998, p. 51-52.

³⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*: estudo sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. 3. ed. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 135.

³⁷ MOLTSMANN, 1998, p. 80.

³⁸ MOLTSMANN, 2005, p. 60.



tristitia consiste no autodesprezo.³⁹ Vivenciando uma espiritualidade libertadora de preconceitos e aberta ao futuro, os homens podem superar tanto a *hybris* quanto a *tristitia*, pois a experiência com o Espírito de Deus liberta para a vida, para a atuação no mundo e a transformação do tempo presente, valorizando o caráter inacabado da realidade.

Palavras finais

Libertos para agir no mundo, os homens podem enfrentar a vontade de poder e experimentar a comunhão: comunhão com Deus, com as mulheres, com os outros homens e com a natureza. O Espírito de Deus cria a comunhão tanto individual quanto coletiva, preservando a unidade inerente à condição de criatura e, ao mesmo tempo, respeitando a diversidade. Não existe comunhão entre iguais. O que há, neste caso, é a uniformidade. O indivíduo não pode ficar subsumido em uma comunidade.⁴⁰ A vida precisa de ritmo e dinamismo. Somente assim ela mantém sua beleza e diversidade. Diferente das demais criaturas, o ser humano possui consciência de sua existência.⁴¹ A diversidade é imprescindível, também em relação à experiência com a divindade.

Bibliografia

CÁCERES GUINET, Hugo. Alguns elementos da espiritualidade masculina vistos através da narração bíblica de Jacó. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007.

DIETRICH, Luiz J. Masculinidades em Jó. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, 2005..

GIERUS, Renate. CorpOralidade: História Oral e copo. In: In; STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

GUTIÉRREZ MAIRENA, Agenor. No jardim dos encontros: os textos bíblicos e a construção das relações de poder. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007.

IRARRÁZAVAL, Diego. Corporeidad masculina. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. Justicia de género e identidad masculina. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas*. Belo Horizonte: SOTER; São Paulo: Paulinas/Loyola, 2003.

³⁹ MOLTSMANN, 1998, p. 95.

⁴⁰ MOLTSMANN, 1998, p. 215.

⁴¹ MOLTSMANN, 1998, p. 217.



KÄSEMANN, Ernst. A antropologia paulina. In: KÄSEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. 2. ed. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003.

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Teologia da esperança: estudo sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. 3. ed. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

MUSSKOPF, André S. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem *queer*. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

MUSSKOPF, André S.; GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Yoimel. Homens e ratos! Desconstruindo o modelo hegemônico de masculinidade e visibilizando modelos alternativos construídos nos corpos de homens em Gênesis 38. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005.

NEUENFELDT, Elaine; SCHINELO, Edmilson. As relações de gênero na casa de Davi. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, 2005.

REYES ARCHILA, Francisco. “Meu pai e pai de vocês, meu Deus e Deus de vocês”: a imagem de Deus pai nos evangelhos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 56, 2007.

RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SÁNCHEZ PEREIRA, Daniel. Além dos limites impostos pela cultura e pelos preconceitos: pistas para uma releitura da Carta a Filêmon, Ápia e Arquipo na perspectiva das masculinidades. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 86, n. 2, 2005.

SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: discursos sobre masculinidade na Bíblia, na literatura e em grupos de homens. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.

SOUZA, Ezequiel de. O papel da teologia na superação da dominação masculina. In: SCHAPER, Valério G.; OLIVEIRA, Kathlen L.; REBLIN, Iuri A. (Orgs.). *A teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: OIKOS, 2008.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, n. 24, jan./jun. 2005.

VELOSO, Marcelo Augusto. Uma abordagem de gênero a partir da religião: gênero masculino e cristianismo. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.